

MANIFESTAÇÕES METALINGUÍSTICAS NA OBRA DE CAMILO CASTELO BRANCO: ESTUDO PRELIMINAR

Sónia Valente Rodrigues

Faculdade de Letras da Universidade do Porto
Centro de Linguística da Universidade do Porto¹

«Que a literatura e a linguística se encontram estreitamente
ligadas é um facto que os poetas conhecem de há muito.»

George Steiner, *Linguagem e Silêncio*

1. INTRODUÇÃO

Na obra de Camilo Castelo Branco, a linguagem tem tido a atenção de estudiosos camilianistas, de especialistas de literatura e de linguistas. Têm sido destacadas, sobretudo, a diversidade e precisão vocabular, o capital lexical e a capacidade de recriação de diálogos plenos de marcas orais vivas da fala nortenha, forte contributo para a composição de quadros de costumes².

Jacinto do Prado Coelho, em *Introdução ao Estudo da Novela Camiliana*³, refere que a «fidelidade à linguagem e aos costumes populares (...) permanecerá uma das grandes qualidades do novelista, desde o *Anátema à Brasileira de Prazins*.» (Coelho, 2001, 3.ª ed., p. 175) Acrescenta que, em toda a obra do autor, permanece «a mesma tendência para reproduzir costumes e transcrever fielmente o vocabulário, a sintaxe e a pronúncia rústicas» (*ibidem*).

Óscar Lopes, no ensaio “claro-escuro camiliano”, publicado, em 1991, na revista *Colóquio Letras*, destaca a integração de variantes linguísticas

¹ Este trabalho é financiado pelo Centro de Linguística da Universidade do Porto, ao abrigo do Programa de Financiamento FCT-UIDB/00022/2020 (Fundação para a Ciência e a Tecnologia).

² De entre os muitos trabalhos sobre esta matéria, refiram-se, a título exemplificativo, Basto (1927), Coelho (1946/2001), Lopes (1991) e Machado (2018).

³ A 1.ª edição desta obra data de 1946.

com determinados valores sociolinguísticos na construção ficcional, através da recriação da fala quotidiana nortenha (sobretudo portuense, minhota e transmontana) nos diálogos. Nestes destaca Óscar Lopes a inserção de marcas orais vivas sugestivas de um “linguajar mais popular e provincianamente arcaizante”, com “muitas criações tradicionais orais, flagrantemente reproduzidas de outiva.” (Lopes, 1991, p. 12), que conferem “viveza oral popular” (ibidem).

É, portanto, conhecida esta dimensão da obra camiliana. Acolhendo variantes dialetais, diacrónicas, diastráticas e diafásicas, a escrita deste autor está imbuída de diversidade linguística, através da utilização de recursos linguísticos e lexicais de diferentes variantes no discurso do narrador e das personagens.

Há, contudo, uma perspetiva a partir da qual se poderá apreender a fortíssima consciência metalinguística de Camilo Castelo Branco – no sentido mais amplo, que incorpora também o metadiscursivo e o metacomunicativo –, à qual não foi ainda concedida suficiente atenção: a de uma releitura da sua obra atendendo aos enunciados em que se toma por objeto formas linguísticas e textos/discursos. Como é consabido, qualquer expressão pode ser usada comunicativamente ou ser objeto de menção, como, de seguida, se exemplifica em (a) e (b), respetivamente:

a) Este computador é novo.

b) *Computador* tem quatro sílabas.

A distinção entre uso e menção de expressões linguísticas, na escrita, é frequentemente detetada através de marcas como as aspas, o itálico e o negrito, como salientam Saka (2003) e Anderson (2002, 2004), embora nem sempre estes sinais convencionais sejam usados apenas neste sentido.

Sendo certo que “toda a actividade verbal dá lugar, de modo sistemático porque inevitável, à projecção de elementos *meta*.” (Fonseca, 1992, p. 295), é também verdade que frequentemente os produtos verbais exibem manifestações de atividade metalinguística. Tendo em conta a condição verbal da escrita literária, não surpreende que os escritores inscrevam nos seus enunciados/discursos sinais que tornam visível

a consciência metalinguística que os caracteriza. Tal é o caso de Camilo Castelo Branco, em cuja obra se incorporam, com frequência, referências à própria língua (na sua forma e/ou conteúdo).

Apesar da abundância de referências metalinguísticas na obra camiliana, está ainda por fazer uma caracterização aprofundada destas construções juntando todas as ocorrências inscritas neste domínio da escrita. É, por isso, relevante valorizar esta dimensão da escrita camiliana, através de um trabalho de inventariação sistemática das referências, alusões e construções metalinguísticas que, no corpo dos capítulos ou em prefácios, têm por objeto formas linguísticas e textuais/discursivas, estudando o modo como o autor faz menção à língua e escreve sobre ela. Situado no âmbito do diálogo entre estudos linguísticos e literários⁴, as marcas metalinguísticas na escrita de Camilo Castelo Branco constituem o foco deste trabalho.

As questões que guiaram a pesquisa realizada são as seguintes:

- (i) Que ocorrências metalinguísticas se encontram na obra camiliana?
- (ii) Que planos da língua emergem como objeto de menção na escrita camiliana?
- (iii) Qual é a representação da língua inerente às manifestações metalinguísticas em Camilo Castelo Branco?

Das questões, derivaram os objetivos, assim formulados:

- (i) proceder ao levantamento de ocorrências metalinguísticas na escrita camiliana;

⁴ O diálogo entre os estudos linguísticos e literários vem sendo promovido desde há longa data por estudiosos que defendem a indissociabilidade das duas áreas, assente na dimensão linguística da literatura, sublinhada mais recentemente por V. Aguiar e Silva do modo seguinte: «Todo o texto literário, na sua textura, na sua micrologia, como se diria há uns séculos, nos seus significados, no seu ritmo, na sua música, é linguagem verbal, plasmada por norma numa determinada língua natural e regulada pela respectiva gramática (...). Ler, entender, explicar e interpretar um texto pressupõe necessariamente por conseguinte o conhecimento dessa língua (...), utilizando as ferramentas linguísticas ou gramaticais adequadas.» (Silva, 2010: 31) Em Portugal, é incontornável o trabalho de Fernanda Irene Fonseca na defesa de um ensino de língua materna assente no pressuposto da 'inseparabilidade entre o ensino da língua e o ensino da literatura' (Fonseca, 2000).

(ii) identificar os planos da língua revelados como objeto de menção na escrita camiliana;

(iii) inferir a representação da língua inerente às manifestações metalinguísticas em Camilo Castelo Branco.

Depois de se apresentar a abordagem e os procedimentos adotados (2.), são sistematizados os resultados (3.), quer quanto ao *corpus* (3.1.), quer quanto às questões metalinguísticas suscitadas (3.2.), não só a partir do discurso do narrador-autor (3.2.1.), mas também do de outros (3.2.2.). Em 4., far-se-á um ponto da situação sucinto relativamente ao trabalho em curso, cujas conclusões provisórias se apresentam neste estudo preliminar.

2. ABORDAGEM E PROCEDIMENTOS

O estudo definido partiu de uma primeira leitura integral da vasta obra camiliana, que permitiu a deteção intuitiva de um conjunto numeroso de ocorrências metalinguísticas, justificativo de uma atenção sistemática e de uma análise metódica do fenómeno. Desenhado o estudo exploratório, de acordo com os objetivos enunciados, iniciou-se o trabalho de constituição do *corpus*, cujos resultados preliminares se divulgam agora neste texto.

O primeiro procedimento consistiu no levantamento de passagens textuais em que se detetaram sinais de metalinguagem, entendido aqui o conceito no sentido da distinção entre uso-menção de expressão linguística. Num primeiro momento, recortaram-se os enunciados em que se identificavam recursos de escrita intencionalmente usados para pôr em relevo uma palavra, frase, parte de texto que se pretende realçar ou se pretende instituir como objeto de referência. Estão entre esses sinais convencionais o itálico (cursivo ou grifo) e o negrito, por exemplo. Nos textos ficcionais (novelas/romances), esses enunciados correspondiam maioritariamente ao discurso pertencente à voz do narrador-autor. Verificou-se, contudo, que as construções metalinguísticas ocorriam não raro nos diálogos, também na voz das personagens. Num segundo momento, foram incluídas também essas ocorrências no levantamento realizado. Os segmentos metalinguísticos identificados foram transcritos com o contexto enquadrador num ficheiro separado.

Como segundo procedimento, realizou-se a análise dos segmentos coletados atendendo a duas perspectivas: a incidência da reflexão (normativa e/ou descritivo-explicativa) e os temas que são objeto de reflexão (aspectos textuais/discursivos relacionados com a estrutura de um texto ou com a adequação comunicativa de um registo de língua; morfológicos; sintáticos; fonéticos/fonológicos; lexicais). Criou-se um conjunto de categorias em que se poderiam organizar os excertos coletados.

3. RESULTADOS

Dos procedimentos analíticos realizados resultaram dois produtos. Embora ainda sejam resultados preliminares, importa conhecer a natureza do material reunido, quer quanto ao *corpus* constituído, quer quanto aos elementos/expressões linguísticas que são tomadas para objeto de menção na escrita camiliana.

3.1. *Corpus*

O *corpus* agrega segmentos textuais que contêm referências metalinguísticas. Tendo como universo de referência a produção literária de Camilo Castelo Branco, foram identificados até ao momento 50 segmentos metalinguísticos extraídos das obras referidas na tabela 1.

Obras	Número de segmentos metalinguísticos
Anátema (1. ^a ed. 1951)	4
A Filha do Arcediago (1. ^a ed. 1854)	4
Onde está a felicidade? (1. ^a ed. 1856)	3
Cenas da Foz (1. ^a ed. 1857)	2
O que fazem mulheres (1. ^a ed. 1858)	4
Amor de Perdição (1. ^a ed. 1861)	1
Memórias do Cárcere (1. ^a ed. 1862)	3
Estrelas funestas (1. ^a ed. 1862)	3
As três irmãs (1. ^a ed. 1862)	1
Coração, cabeça e estômago (1. ^a ed. 1862)	4
Lágrimas abençoadas (1. ^a ed. 1863)	2

Aventuras de Basílio Fernandes Enxertado (1. ^a ed. 1863)	5
O esqueleto (1. ^a ed. 1865)	1
A Queda dum Anjo (1. ^a ed. 1866)	3
Cousas leves e pesadas (1. ^a ed. 1867)	2
Mistérios de Fafe (1. ^a ed. 1868)	6
O comendador, em Novelas do Minho (1. ^a ed. 1876)	1
Modelo de Polémica Portuguesa (1. ^a ed. 1886)	5

Os segmentos constitutivos do *corpus* são transcritos a partir da edição da produção camiliana publicada sob a direção de Justino Mendes de Almeida, pela Lello & Irmão Editores, entre 1982 e 1994, com o título *Obras completas*, num total de quinze volumes, que reúnem mais de uma centena de obras camilianas, organizadas nas seguintes categorias: romances/novelas, teatro, poesia, biografias, narrativas, crónicas e miscelâneas. Recorreu-se ainda à edição *Polémicas de Camilo*, da Livros Horizonte, com recolha, prefácio e notas de Alexandre Cabral, para a análise de «Modelo de Polémica Portuguesa». O *corpus* constituído incorpora extratos de romances/novelas. Nas exemplificações exibidas na apresentação dos resultados, indica-se o título da obra, o volume da edição e a página de onde a citação foi extraída.

3.2. Questões metalinguísticas suscitadas

As manifestações de consciência metalinguística na escrita camiliana são suscitadas por formas linguísticas que ocorrem quer no discurso do narrador-autor, quer no de outros (sejam personagens ou autores). Apresentam-se, primeiro, aqueles casos para, depois, se mostrarem os restantes.

3.2.1. O discurso do narrador-autor como ponto de partida

No estudo da novelística camiliana, os comentários do narrador são geralmente associados à «ironia romântica», conceito definido como «ironia emergente da ambiguidade das relações dialécticas entre vida e ficção, homem-autor e autor-inventor de histórias, vocação ou missão do escritor e negócio do livro.» (Coelho, 2001, p. 427). Os abundantes exemplos de ironia romântica na obra do autor⁵ emergem em notas de

⁵ De acordo com Jacinto do Prado Coelho, «Em Camilo, os exemplos abundam: proclama, irónico, a veracidade da ficção, como se de escrupulosa História se tratasse;

rodapé, nos sumários dos capítulos e no corpo do texto em comentários do narrador relativos à mecânica da ficção narrativa.

Nos exemplos habitualmente associados à tematização do fazer da obra, não é dada atenção a um conjunto de ocorrências que me interessa agora destacar como manifestação da consciência metalinguística do autor. É a essas manifestações que darei destaque de seguida.

Num primeiro grupo de ocorrências, são agrupados os segmentos em que uma dada palavra e/ou expressão é mencionada pelo narrador-autor e se torna objeto de explicitação quanto à sua forma, significado e/ou uso. Essa explicitação pode ocorrer em nota de rodapé ou entre parêntesis, numa espécie de diálogo narrador/autor-narratário/leitor. Em (1) e (5), anota-se um sinónimo, sinalizando a variação diacrónica, marcada pelas expressões “equivalia a” / “nos nossos dias” e “naquele tempo” / “era o que hoje”. Em (2), o narrador-autor sinaliza uma diferença diastrática no plano lexical. Em (3), explica-se a razão pela qual uma dada palavra aparece com uma grafia diferente da convencional. Em (4), clarifica-se uma aceção específica da palavra “borrões” usada pelo narrador.

(1)

O estróina do Veiga estava morto por saber na essência a sublime loucura do bastardo Carlos da Silva.

- Conte lá, senhor conde – dizia ele com ares de chasqueador *faceira*¹ – conte para aí essa jeremiada do profeta Carlos... Que diz ele? Quer levantar contra o pai os povos da freguesia? Temos excomunhão pontificia, ou acedem-se as fomalhas da Inquisição?

¹ Equivalia a *janota* dos nossos dias.

Anátema, vol. I, p. 154

alude aos cordelinhos do novelista; traz à tona os seus problemas de artífice, o modo como o “real” da ficção deriva da escrita, as suas preocupações com um público de que depende o seu sustento, donde, por exemplo, os remoques aos leitores que lêem os seus livros por empréstimo; não esconde também certas exigências dos editores a que será prudente conformar-se.» (Coelho, 2001, pp. 427-428)

(2)

À imitação desta, podia eu contar a história de muitos bêbados ilustres da minha mocidade ⁽¹⁾. Conheci outros, que eram poetas orientais. Escreviam do amor das moiras, das volúpias dos serralhos, das acesas paixões dos árabes. Claro é que num clima temperado, e com os costumes chãos e algum tanto lorpas e lerdos da nossa terra, a imaginativa carecia de espiritar-se com os boléus da embriaguez para sair-se dignamente com uma sextilha asiática. Vinham a fazer ditirambos, que intitulavam *Arroubos*, ou *Coriscos*.

⁽¹⁾A palavra é pouco urbana e civil para livro de tanta polpa e gravidade. *Bêbado* é o homem que se embebeda na taberna. Ao bebedor, que se embriaga nos cafés e nas salas, a não se lhe dar o nome de *espirituoso*, também não deve chamar-se *bêbado*. Os glossários, que conheço, carecem desta distinção, que se quer observada por pessoas *que se tratam*.

Coração, cabeça e estômago, vol. III, p. 781

(3)

Lá vamos. O Snr. João Antunes da Mota, por alcunha o Kágado ⁽¹⁾, natural da Lixa, viera rapazito de doze anos, para o Porto, conduzido por seu tio materno, o tio António Cabeda, com destino de embarcar para o Brasil.

⁽¹⁾ É a tartaruga do mar. Alguns escrevem com C; o leitor pode ler como quiser. Seguimos a ortografia que primeiro, em anos infantis, se nos entalhou na memória. Lembra-nos *A*, *árvore*; *B*, ..., *et cetera*, até *k*, *kágado*. A fidelidade do conto requer a exibição dum epíteto, que nos destoa, e muitas vezes tem de arranhar a melopeia harmoniosa da elocução. Paciência.

Onde está a felicidade?, vol. II, p. 180

(4)

Dos doze anos em diante, Jerónima, hábil em escrita e contabilidade, ajudava o pai na escrituração, e lançava os borrões¹ ao livro-mestre, para seu pai, desajudado de guarda-livros por economia, não perder horas da noite em vigílias, nocivas à sua débil saúde.

¹ Para elucidar a frase ambígua, notem os desentendidos que *borrões*, neste caso, são os cadernos ordinários em que o comerciante faz os seus assentos e apontamentos, que depois traslada para livro especial, e principal em seus balanços. O ser necessário a nota a poucos, não é causa a rirem dela os muitos que a dispensam.

As três irmãs, vol. III, p. 222

(5)

Basílio já soletrava, e fazia riscos tortos é verdade; porém, a Senhora Bonifácia tão vaidosa estava daqueles riscos, que andava mostrando às vizinhas a *matéria* do seu menino («matéria», naquele tempo, era o que hoje mais polidamente se chama *traslado*).

Aventuras de Basílio Fernandes Enxertado, vol. III, pp. 1190-1191

A escolha vocabular é um dos tópicos que ocorre frequentemente no discurso do narrador. No exemplo (6), o narrador autodiegético explicita a razão do uso de uma dada palavra, em detrimento de outra usada pela personagem cujo discurso relata.

(6)

Observei que o cavalheiro bragantino fugia de encontrar-se comigo, desde o dia em que eu soube, por denúncias de Ervedosa, que ele recebera de Etelvina uma carta e ficara comovido a ponto de chorar com remorsos de a ter apregoado, em botequins e praças, a mais sórdida, baixa e mercantil das donzelas portuenses. Eu é que digo *donzelas*; ele não dizia tal. Ponho em escritura somente a mais suave das arguições, os epítetos menos amargos e detractores.

Aventuras de Basílio Fernandes Enxertado, vol. III, p. 1271

Há ainda referências desta natureza dando destaque a sinais de pontuação, como, por exemplo, as reticências. É o caso em (7).

(7)

«Vai, vai, menina.

.....
Há reticências que não dizem nada.

A literatura merceeira, para justificar o adjectivo, inventou as carreiras de reticência, as quais correspondem aos pesos roubados da mercearia.

Eu abri loja, e vou com os outros.

Não me entrem, pois, a desconfiar que os pontinhos juntos fazem borrão neste painel de bons costumes.

O que fazem mulheres, vol. II, p. 1287

3.2.2. O discurso de outros como ponto de partida

O discurso de outros é frequentemente objeto de menção. Nesta categoria, foram reunidas as ocorrências em que outros podem ser personagens que não são o narrador ou escritores cujos discursos ou obras são mencionados na escrita camiliana. As ocorrências estão reunidas tendo em conta o modo de uso da língua de que parte a expressão ou palavra mencionada.

3.2.2.1. Questões de interpretação

Nos exemplos (8), (9), (10), (11) e (12), temos a clarificação do sentido das palavras e expressões que o narrador põe na voz de personagens, habitualmente, em discursos relatados através de Discurso Direto. Trata-se de conduzir a interpretação dos enunciados assumidos pelas personagens numa determinada orientação pragmático-discursiva.

(8)

- Eu já tinha adivinhado que D. Antónia Bacelar era sua mãe...

- Era minha mãe... senhor conde.

O tremor doloroso e entalado, com que o padre soltou aquelas palavras, relatava a dor no mais sublime da sua poesia angustiada! Mais que a paixão, mais que a saudade aflitiva, superior ao extremo adeus de um pai agonizante a seus filhos desvalidos, aquele *era minha mãe*, acompanhado de lágrimas copiosas, resumia em si uma vida de padecimentos, uma viuvez de coração com desesperança profunda nos consolos do mundo.

Anátema, vol. I, p. 149

(9)

É um pobre diabo que lê novelas, e não é mau rapaz – respondeu o sr. Melchior, limpando o suor da testa.

- Novelas!... hum! – este *hum* do sr. João José Dias é uma coisa semelhante a um ruído roufenho; aquele hum é a tese duma dissertação que ele, em tempo oportuno, há-de fazer contra a leitura imoral dos romances.

O que fazem mulheres, vol. II, p. 1253

(10)

- (...) Vou-lhe buscar um caldinho, sim?

- Vá, se quer, Mariana. O Céu deplorou-me em si a amizade de uma irmã.

Não achou a moça na sua alegre alma palavras em resposta à doçura que o rosto do mancebo exprimia.

Veio com o «caldinho» – diminutivo que a retórica duma linguagem meiga sanciona; mas contra a qual protestava a larga e funda malga branca, ao lado da travessa com meia galinha loura de gorda.

Amor de Perdição, vol. III, p. 450

(11)

Estava ainda no Douro Maria das Dores, quando recebeu o inesperado golpe em uma carta muito amável, que sua filha lhe escreveu do colégio, e outra, não menos humilde, e mais reflectiva do marido. Então compreendeu ela o silêncio de Gonçalo, tendo-lhe ela escrito para o Porto duas cartas, uma queixando-se de passar mal as noites, e desejando que a mãe, a ter de morrer, abreviasse os paroxismos; outra, raivosa, por ter escrito duas, sem receber, sequer, resposta da primeira. Aquele *sequer* denota que a sr.^a D. Maria das Dores queria receber resposta da segunda carta que estava escrevendo. É onde pode chegar o mau génio!

Estrelas funestas, vol. III, p. 900

(12)

A prima-dona revelou vivo desejo de que Basílio fosse convidado para jantar. Acudiu Ervedosa dando-se como feliz por lhe ter adivinhado o desejo, e ter-se ele honrado a si convidando um dos futuros e mais donosos paladinos da exímia cantora. Este *exímia*, adjectivado a Dabedeille, frisa tanto nela como os *exímios* copiosos de José Passos aos patriotas do tempo, cujas barrigas, com o andar de quinze anos, engoliram a pátria, e deixaram o adjectivo a algum raro sandeu, que se julga Codro ou Cévola porque a pobreza lhe dá merecimentos de vítima.

Dabedeille não cantava ária que valesse a menor das compoteiras de ginja, que abundaram no mais lauto jantar que ainda viram os pinheiros seculares da Ponte da Pedra.

Aventuras de Basílio Fernandes Enxertado, vol. III, pp. 1290-1291

3.2.2.2. Questões lexicais

Um conjunto de referências frequentes na obra camiliana diz respeito a importações lexicais, quer as oriundas da língua francesa (13) e (14), quer castelhana (15).

(13)

- Pois bem – continuou o Veiga – partamos já para Vila Real. Veste-te, Inês...

- Eu estou vestida... não tenho mais do que isto – respondeu com muita simplicidade Inês, agitando graciosamente a meia cauda do seu vestido de seda com matizado a fio de prata, e mal enxuto da chuva daquela noite.

O conde e o irmão sorriram-se, e iriam talvez comentar a *toilette* crítica (palavra que só muito depois atravessou os Pirenéus de braço dado com a *Soirée*) da menina – quando aquele laçao, ferido horas antes por Pedro da Veiga, apareceu no limiar da porta do salão.

Anátema, vol. I, pp. 155-156

(14)

Haverá destas mulheres, passados trinta anos? Digo que não, em honra do progresso. Alguns anos mais, e Paulo de Kock, e Pigault-Lebrun, e outros directores espirituais, traduzidos em vernáculo, darão aos namoros de nossas filhas ocasião de ouvirem menos tolices. Os que amarem em 1856 devem passar horas muito agradáveis! As mulheres de então, ricas de prendas espirituais, saberão dizer *toilette, rendez-vous, petit-point, crochet, soirée, boucles, papier-satin, enveloppe*, e outros ornamentos de língua com que farão maior, mais fecunda, mais grulha e mais tagarela. Com a superabundância do idioma, aumentarão as ideias, na razão directa.

Cenas da Foz, vol. II, p. 800

(15)

- Vê-se que a amas... – atalhei eu.
- Amo deveras; mas não lhe amo a fortuna.
- A *fortuna* é galicismo – interrompi com azedume. – Diz antes os haveres. Morra o homem de paixão, sendo necessário, mas salve-se a língua dos Lucenas, dos Sousas e dos Bernardes.
Este meu amigo incorrecto foi depois dizer a outro que eu era tolo. A ignorância é muito atrevida!

Coração, cabeça e estômago, vol. III, p. 812

Uma outra categoria de comentários metalinguísticos que salientam questões lexicais agrega os casos em que Camilo Castelo Branco censura o uso inapropriado de palavras e/ou expressões. Em comentários desta natureza, muito comuns nas polémicas e em textos de apreciação crítica, o autor explica a inadequação, como em (16) e (17).

(16)

Quanto a mim, diz que é irremediável o meu caquetismo (queria dizer caquexia. «Caquetismo» é uma doença ainda não catalogada nas ciências médicas).

Modelo de polémica portuguesa, vol. VIII, p. 19

(17)

Conta ele que *se fez em França a apoteose* de Vítor Hugo. Asneira original. *Apoteose* quer dizer *divinização* (*apothéô*, radical *theos*, deus). É a deificação do homem entre as divindades. Faziam-se estas cerimónias aos mortos ilustres na Caldeia, na Grécia e em Roma. Tiveram apoteose Rómulo, César e outros imperadores. Também Calígula e mais o seu cavalo tiveram apoteose em vida, por excepção; mas com certeza o Sr. Conceição não quis que o exemplo de Calígula servisse à deificação do cantor pensionado de Luís XVIII – o monarquista esturrado.

A França não *divinizou*, festejou o poeta, esta é que é a verdade.

Modelo de Polémica Portuguesa, vol. VIII, pp. 67-68

Nos exemplos (18), (19), (20) e (21), o narrador-autor explicita o significado de palavras e expressões típicas de variantes dialetais e diastráticas associadas à fala popular do norte de Portugal, como assinalam as expressões “na linguagem do povo das aldeias do Norte” (18), “no seu vasconço plebeu” (19), “nos mosteiros do norte” (20) e “frase aldeã e minhota” (21).

(18)

- Está tão coadinha!... – dizia a velha, beijando-lhe a mão com fervoroso respeito – benza-a Deus, que tão casadoira está, por muitos anos e bons...

Não consultamos *Bluteau* sobre a genuína significação do adjectivo *coadinha*. É uma palavra que nos retrata a fisionomia de D. Inês. As faces pálidas, languentes e amortecidas, chamam-se *coadas* na linguagem do povo das aldeias do Norte. A expressão é tão difícil de dissecar-se por derivação, como é problemático o colorido de Miguel Ângelo.

Anátema, vol. I, p. 126

(19)

- O Senhor faz-me um favor? – disse ele.

- Se estiver na minha mão...

- Ora, se está! Faz favor de vir aqui abaixo.

E levou-me mais para o escuro de duas paredes que formava um recanto.

- O Senhor há-de perdoar o meu ousio – prosseguiu ele com lorpa acanhamento. – Eu tinha gana de botar uns versos a um tacho...

- Como assim! – atalhei eu. – Quer o Senhor fazer um guisado de versos!?... Com semelhante comestível andariam mais gordos os poetas!

Eu já sabia que *tacho* é sinónimo de criada de convento nos mosteiros do norte; quis eu, porém, gracejar com o bom do Enxertado, que era bruto até captar a simpatia de quem como eu se afeiçoa a todos os viventes irracionais.

Aventuras de Basílio Fernandes Enxertado, vol. III, pp. 1220-1221.

(20)

(...) de seu filho, que era a cara dele *escrita* e *escarrada*, como dizia a senhora Bonifácia no seu vasconço plebeu.

Aventuras de Basílio Fernandes Enxertado, vol. III, p. 1234

(21)

- Tirante a alma baptizada, somos todos animais – retorquiu cristãmente a senhora Domingas, e reforçou a sua opinião com a seguinte história: - Olhe, fidalgo, vou-lhe contar a minha vida. Eu tive o meu pecado. Quem os não tem?... Andava eu nos meus dezoito quando fui namorada¹. Enjeitei o filho, porque meu pai dava-me cabo do canastro, se soubesse que eu dera em droga, como lá dizem.

¹ *Ser namorada* equivale a ser *mãe ilegítima*. Frase aldeã e minhota que, se entrasse nos vocabulários das cidades, com a mesma significação, iria defraudar a já pobre fraseologia das donzelas e donzéis que se namoram licitamente no Diário de Notícias e noutras partes.

Mistérios de Fafe, vol. VI, p. 583

3.2.2.3. Questões fonéticas/fonológicas

Não é raro encontrar no discurso ficcional camiliano a sinalização de características fonéticas/fonológicas relacionadas com o uso oral da língua característico dos dialetos setentrionais. Em (22), o traço registado é o do desaparecimento da oposição entre /b/ e /v/; em (23), é o da síncope (pra), típica do uso informal da língua oral¹.

¹ As ocorrências de transcrição ortográfica do modo como as palavras e expressões são ouvidas na oralidade, muitas vezes sinalizadas através de itálico, são inúmeras, como tem sido notado por diversos autores. Barbosa (2018) anota os seguintes exemplos de *Anátema* e de *Vulcões de Lama*: «*Ágora* abro» (A); «há *ámeno*, ou não há *ámeno*?!» (A); «O fidalgo não está *bô*» (A); «*Calaide-vos, calaide-vos!* – interveio a tia Luísa da Loja Nova» (VL); «estava muito escanifrado, um *escalete*, e não ia longe» (VL); «O

(22)

Ao arraiar do dia, a devota dos Três Reis Magos, a tia Bernabé, tecedeira – viúva do operário Bernabé, que lhe deixara o nome e uma cabana com sua horta –, ergueu-se, foi à residência paroquial pedir a chave da igreja; e, sobraçando a bassoura de giesta para barrer o chão, e a almotolia para prover as lâmpadas, entrou no adro.

O comendador, vol. VIII, p. 57

(23)

- Pois não é?! Parece mesmo uma pessoa vezada a lidar com fidalgos... E olha como ele foi logo em cata das mulheres da casa pra te fazerem as cerimónias! O homem teve seu bocado de educação... E como eles têm a casa arranjadinha!... Aqui está do que tu gostas, Rosa! Isto não é como lá em nossa casa: sacos, ferramentas, sacholas, caixas, espigas, tudo pra ali a monte. Olha as cadeiras que parecem um espelho, e o chão está que se pode comer nele!

Mistérios de Fafe, vol. VI, p. 511²

A atenção ao uso oral informal da língua em determinados contextos sociais é também revelada pela transcrição ortográfica, assinalada pelo itálico, de palavras ditas em diálogos em que interagem determinadas personagens, como exemplificam (24) e (25).

hominho tem razão!» (VL); «Havemos de ir aos *inzorcismos* ao Sr. Frei João da Falperra.» (A); «O pai achava-o assim a modo de *pronóstico*.» (VL); «Se cá estivesse o meu João... *támen*...» (A); «O fidalgo não conta nada à gente *rústega*» (A); «eu agouro mal deste *matriminho*» (A); «São como as barbas dos santos *mártiles* de Marrocos da procissão de Cinza!» (A); «a propósto de feitiços é como se quer» (A).” (Barbosa, 2018).

² Barbosa (2018) acrescenta ainda outros casos de crase e de síncope, extraídos de Anátoma e de Vulcões de Lama: «Ele só cá vem ós domingos» (A); «carregando *prá* esquerda» (A); «*Pra* que há de ser? pra te mandar a algures saber da fidalga» (A); «mas *prà'mor* do meu João não me fica bem» (A); «faz agora um ano *prás* castanhas» (A).”

(24)

- Então bem aviado vais tu, meu pobre filho! – tornou ela entre chorosa e irada. – Para o que eu te criei aos meus peitos! Tu, que *rescendes* de gente tão cristã, por pai e por mãe, casado com uma herege incrível!...

- E minha mãe a dar-lhe!... – contraveio Francisco, dissimulando o desprazer, se não raiva, que lhe estava fazendo a tençoeira da velha. – Qual herege nem qual *Berzabu!* – insistiu ele. (...).

Mistérios de Fafe, vol. VI, pp. 529-530

(25)

- Sim! Diga o que sabe, santinha, diga o que sabe do meu comportamento, sua beata, que me está aqui intrigando com meu marido! Desembuche, sua hipócrita!

(As duas irmãs de Francisco estavam já no fundo das escadas a escutar; e uma delas, quando ouviu sua mãe tratada de hipócrita, voltou-se para a irmã e disse-lhe: «Olha o diabo da herege a chamar *hipólita* a nossa mãe!»).

Mistérios de Fafe, vol. VI, pp. 531-532

Em (26), na voz de uma personagem, surge uma referência ao dialeto setentrional, em particular, na variante lisboeta:

(26)

Maria Henriqueta estava adiantada em cravo, dançava com muito garbo e limpeza o minuete, arrastava com gracioso despejo a cauda do vestido, e levava o toucado a maravilhosa altura, sem desluzir a graça. No tocante a linguagem, em poucos meses, todos a julgariam pura lisboeta. Um dizer mórbido, preguiçoso e indolente, como cortado de gemidos, cousa mais de enfeitiçar ouvidos nunca Maria das Dores imaginou que pudesse ouvir dos mélicos lábios de sua filha.

Estrelas funestas, vol. III, p. 912

Esta atenção a questões fonéticas/fonológicas é, algumas vezes, integrada como assunto de debate entre personagens, como é o caso de

(27).

(27)

A sua especial ocupação era cantar árias italianas com excelente garganta e gosto. Se não cantava, discutia questões filológicas com o mestre-escola José Dias, as quais degeneravam em descompostura brava por causa da prosódia. Algumas vezes, de comum acordo, me fizeram a honra de me nomear árbitro da contenda. Versava ela uma vez sobre o termo *tácito*. Queria o Senhor José Dias que fosse *tacito*, e o outro ajustava-se à etimologia latina. Decidi a favor do etimológico, e perguntei ao professor se estava convencido. Não estava, por uma forte razão que me entalou, e era:

- Se dizemos *cabrito* e não *cábrito*, a regra é que se diga *tacito* e não *tácito*.

Minguado de argumentos, calei-me, e perdi um pouco a minha reputação, suplantada pela do Senhor José Dias, o que sinceramente estimei para glória do bom homem e descanso meu, que nunca mais fui consultado em tais matérias.

Memórias do Cárcere, vol. XI, p. 519

3.2.2.4. Questões sintáticas

Os juízos valorativos sobre a escrita de outros incidem, quase sempre, sobre questões de construção sintática, como ilustram (28) e (29), tendo por referência a língua escrita de autores seiscentistas, usados como modelo em muitas referências camilianas, como em (30) e (31).

(28)

O barão foi pernoitar na vila chamada Arco (notem a paciência dum romancista que sabe do seu ofício).

O cirurgião da vila (...) receitou um cozimento de fel da terra, tomado de manhã, e esfregações de óleo de amêndoas na circunferência do abdómen.

O barão mandou-o à fava com louvável discernimento, e escreveu quatro folhas de papel almaço, que subscritou a sua mulher. O conteúdo do aranzel tremendo era o disparate lastimoso duma cabeça febril, apavorada de visões sanguentas, que o forçavam a estropiar a sintaxe dum modo lastimável, e a desbancar o método do imaginoso Castilho no invento de ortografia.

O que fazem mulheres, vol. II, p. 1334

(29)

O Senhor Mendes também escreve artigos para os jornais, no tocante a coisas de regulamento da cadeia. Escreveu alguns contra mim, que me pareceram irrepreensíveis na gramática e bons de se lerem.

Memórias do Cárcere, vol. XI, p. 488

(30)

«Delineamentos de assassinatos»! Que é isto? *Assassinato* é coisa que me não cheira a idioma de Bernardes e Barros. Seja o que for, é coisa horrível que sai das cadeias com seus delineamentos, contra homens que os *presos sabem ricos*. Aqui, Sr. Presidente, neste sabem ricos, quem sofre o *assassinato* é a gramática.

A Queda dum Anjo, vol. V, p. 921

(31)

Eis-me já de força inclinado à substância do discurso do Sr. Dr. Libório. Primeiro me cumpre declarar que não sei pelo claro a quem me dirijo. Há dias me regalei de ler o sucoso livro de um doutor grande letrado que escreveu da *Reforma das Cadeias*. Achei-o lusitaníssimo na palavra; mas hebraico na locução. Tem ele de bom e singular que tanto se percebe lendo-o da esquerda para a direita como da direita para a esquerda. Soou-me que o sr. dr. Libório, amador do que é bom, se identificara com o livro, e aformosentara o seu discurso com muitas louçainhas daquele tesouro.

Não sei, pois, se me debato com o sr. Dr. Aires, se com o sr. Dr. Libório. *Se me debato*, desavisadamente disse! O discurso não dá pega a debates que não sejam filológicos.

A Queda dum Anjo, vol. V, p. 918

A falta de clareza na exposição de ideias é atribuída frequentemente a construções sintáticas associadas a línguas estrangeiras, como a francesa (31), a castelhana (32) e a alemã (29).

(32)

Estava eu, pois, nesta idealização de todos os meus cinco sentidos, divinizando aquela gruta, onde de tarde vira Vicência com a face voltada para o sol-poente, apoiada com jeito encantador na mão ebúrnea.

Devo, para desarmar a crítica, protestar contra o epíteto *ebúrnea*. Entrou comigo a peste literária dos modernos torneiros de parágrafos. Arredondar o período é a condição imposta pela tirania do gosto ao escrevinhador laureado. Eu canto o que escrevo; e, se a toada me destoa no tímpano, desmancho a oração em partes, ajusto-as de novo, calafeto-as de artigos, e pronomes, e conjunções, o mais afrancesadamente que posso, e sai-me a cousa um pouco ininteligível, mas harmoniosa como um clarinete de romeiro de S. Torcato de Guimarães.

Com jeito encantador na mão ebúrnea: reparem que é um verso hendecassílabo. Quem há aí que arredonde melhor um período sem desnaturar a língua, nem alastrar o verso de cunhas que ressabem a estrangeirice?

Cenas da Foz, vol. II, pp. 791-792

- Porque não respondeu à minha carta?

- Era impossível. Eu já dei o meu coração. Por delicadeza não lhe devolvi a sua carta, e peço-lhe que me não escreva outra, que *me compromete* – respondeu ela.

Não me soou bem este galicismo dos lábios de Paula. Eu, em todas as situações da minha vida, quando vejo a língua dos Barros e dos Lucenas comprometida, dou razão ao filósofo francês, que, à hora da morte, emendava um solecismo da criada, protestando defender até ao último respiro os foros da língua. E com que admiração eu leio aquilo do gramático Dumarsais que, em transes finais de vida, exclamava: «Hélas! je m'en vais... ou je m'en vas... car je crois toujours que l'un et l'autre se dit ou se disent!» (1)

(1) Não suprimo este descabido incidente do filósofo e do gramático, posto que fútil e desgraçoso. Silvestre ia muitas vezes derramado nestas divagações, que denotam pouca firmeza na composição e desleixada contextura nas ideias. Honra, porém, lhe seja pelo muito que ele amou a língua, a apuros de esfriar subitamente em paixões vulcânicas, por causa das incorrecções gramaticais das cartas, que respondiam às suas, sempre castiças.

(34)

Uma cousa assegura aos poetas a inteireza das suas costas; e é que os maridos não lhes entendem os versos, ainda que no cabeçalho dos poemas leiam as iniciais de suas senhoras. Têm os bons dos homens nos olhos as peneiras alemãs com que os trovadores lhos nevoentam. A gramática e prosódia estão conjurados para a ininteligência das trovas. É o que lhes vai valendo.

Cousas leves e pesadas, vol. II, p. 791-792

Não raro, a censura ao desvio das regras sintáticas dá origem a um comentário expositivo-explicativo, como se observa em (35) e em (36).

(35)

Quanto ao apito, *aconselhamos-lhe* (escreve) *que não faça uso dele porque se a polícia acudir pode lembrar-se de ajustar consigo velhas contas em aberto.*

«Ajustar consigo». Em **pronomes pessoais está nesta miséria o filósofo.**» *Consigo!* O ignorante provavelmente engranza mais esta asneira nos rosários que lança ao pescoço dos inocentes tipógrafos. Nunca soube declinar pronomes. Ele dedicou as *Alvoradas* a seu pai – o *Il.mo Sr.* (escreve ele) *Bernardino Simões da Conceição*; e, dirigindo-se ao mesmo *Il.mo Sr.* seu pai, com tanto desprezo da democracia republicana como da gramática nacional, diz-lhe:

Eu pois que vejo em si a imagem reflectida

De Deus, sol da minh'alma, a flor d'alma lhe dou.

Dirigindo-se ao *Il.mo* pai **não devia dizer em si**; devia dizer *em Vossa Senhoria*. Pode-se asneiar nos tratamentos; mas na gramática lavra mais fino. Um pai perdoa todas as baboseiras que lhe oferta um filho; mas a língua mãe é tão venerável como o próprio pai.

Modelo de Polémica Portuguesa, vol VIII, pp. 46-47

(36)

Outrossim, diz ele que a apoteose foi feita *àquele assombroso velho do Vítor Hugo*. Desta redacção depreende-se que o festejado não foi Vítor Hugo; mas sim um velho dele – o *velho do Vítor Hugo*. O complemento determinativo *do* faz do poeta e do velho duas pessoas. Se eu disser, por exemplo, *a besta do Sr. Conceição*, ninguém acreditará que o Sr. Conceição é a besta; mas sim que o Sr. Conceição possui uma cavalgadura; e, embora se diga que ele forma com ela substancialmente o centauro, a gramática exige que os dous sejam distintos, apesar da sua coesão estética e plástica. Se eu quiser dizer que «o jovem monarquista Vítor Hugo não é o velho republicano Vítor Hugo» não serei tão inepto que escreva: «O jovem *do* monarquista *do* Vítor Hugo não é o velho *do* republicano *do* Vítor Hugo».

Modelo de Polémica Portuguesa, vol VIII, p. 68

3.2.2.5. Adequação comunicativa

O comportamento comunicativo nas mais diversas situações, quer no uso oral, quer no uso escrito da língua, é um tópico a que é dada atenção na escrita camiliana, não só tendo em conta a correção gramatical e a propriedade lexical, mas também a aceitabilidade e a adequação a cada contexto (o interlocutor, o local, o ambiente social...). Serão referidos, de seguida, dois aspetos: as formas de tratamento e a adequação discursiva ao contexto.

3.2.2.5.1. Formas de tratamento

Frequentemente, são tema de diálogo entre as personagens e objeto de menção por parte do narrador as formas de tratamento em uso na época. Em (37), através da voz enunciativa da personagem, censura-se o emprego que a forma *Vossa Senhoria* registava no séc. XIX por comparação com o do séc. XVI, e, em (38), o uso de *dom*, fazendo notar a mudança linguística em curso.

(37)

- Eu não lhe perguntei se queria mais livros; disse-lhe que me lembrava um meio de V. S.^a...

- Alto lá! Nada de *Vossa Senhoria*... Eu não sou desses modernos, que se esquecem da humildade do Divino Mestre, e querem as honras que, há trezentos anos, se davam ao rei.... Trate-me por vossemecê.

A Filha do Arcediogo, vol. I, p. 988

(38)

- A Sr.^a D. Angélica por aqui! – disse Rosa descendo a recebê-la.

- Deixemo-nos de *dom*. Cada qual é como cada um. Eu cá sou filha de negociante, e não quero essas trapalhadas da fidalguia. Então, como passa a minha menina?

A Filha do Arcediogo, vol. I, p. 1008

No exemplo (39), o narrador assinala a forma “vós” cujo uso, resultante da influência da língua francesa, serve para esclarecer a natureza da relação interpessoal das personagens e a gestão que fazem enquanto interlocutores num diálogo conflituoso.

(39)

- Reprovo a sua vinda aqui! – disse Nicolau, empregando o “vous” do despeito ou da cerimónia, que neste diálogo em francês, era, de parte a parte, ódio.

O esqueleto, vol. IV, p. 1180

3.2.2.5.2. Contexto social

Ainda no âmbito da variação linguística definida pelo contexto situacional, estão presentes comentários que dão relevo a diferentes estilos ou registos que decorrem da função com que a linguagem é utilizada e das circunstâncias em que se produz a fala (fatores pragmáticos e discursivos). Os exemplos (40) e (41) configuram um diálogo entre duas personagens de meios sociais diferentes. Neste diálogo, dois registos de língua são objeto de discurso, na medida em que uma das personagens procura ensinar a outra os termos mais adequados a uma dada circunstância social em que participariam.

(40)

- Mas tu estás triste! ...
- Não se chora de alegria?
- Como tu és linda! Vê-te àquele espelho...
- Ora! ... não brinques comigo... eu sou linda somente aos teus olhos... Quem o feio ama, bonito lhe parece...
- Esse anexim não é do bom-tom; não o tornes a dizer.
- Que é *anexim*?
- É um dito do povo... Tu já não és povo.
- Pois emenda todas as tolices que eu disser, sim?

Onde está a felicidade?, vol. II, p. 278

(41)

- Pois tu queres tirar-me daqui?!
- Não; mas quero que te vejam, porque tenho orgulho de ser feliz...
- E eu não queria que ninguém me visse.
- E eu não queria que *alguém* me visse... *alguém*, e não *ninguém*...
- Não torno a dizer assim, Guilherme. Não deixes passar nenhuma... *nenhuma* não, alguma asneira...
- A palavra *asneira* não é bonita em boca de senhora; é melhor dizer: *erro*...
- Bonito! assim é que eu gosto.... Tens muita paciência em me ensinar...

Onde está a felicidade?, vol. II, p. 278

3.2.2.6. Questões retóricas e estilísticas

Camilo revela uma forte consciência metalinguística e um conhecimento explícito exímio quanto a figuras de retórica e a questões relacionadas com o estilo, que são objeto de menção frequente na sua obra. Nos exemplos (42), (43), (44) e (46), estão em evidência aspetos estilísticos e retóricos não só de discursos de personagens, mas também do próprio narrador-autor. Em (45) e (47), o objeto de comentário são obras escritas por outros escritores: em (45), o autor é Aires de Gouveia, no livro *Reforma das Cadeias*, que é citado e comentado na obra *A Queda dum Anjo*; em (47), o autor é Alexandre da Conceição, cujo crítica literária a *Eusébio Macário* e *A Corja* deram origem a uma polémica com Camilo.

(42)

O diminutivo aqui é figura que os antigos nomeiam antífrase. Joanhinha é duma velhez repelente, e está curtida em camadas de lixo empedrado. A sua casa é um pântano de miasmas, e os seus leitos guardam nas furnas, roídas pelo dente dos séculos, muito bicho, coevo do rei Bamba, que lhe cravou a oliveira à porta.

Memórias do Cárcere, vol. XI, p. 386

(43)

Paula, para ler a carta, escondeu-se num caramanchel. A prosa vil seria descabida em cena tão eminentemente poética. Era, pois, em verso a minha carta, que, segundo os ditames da poética de Aristóteles e Longino, devo chamar *epístola* e não carta. A qual epístola foi ainda o sonoro Castilho que me induziu a escrevê-la com os seguintes ditames da citada primavera:

Formaremos cantigas, em que aos ecos

Dos campos entre a lida repitamos

As perfeições, os méritos, os nomes

Das Napeias, etc.

E noutra passagem:

Depois que, pouco e pouco, transformado,

Se houver em confiança o pejo, o susto,

Mudaremos de estilo: em nossos versos,

E só, e de contínuo a formosura

Em fogo nos porá do estro as asas.

Hão-de sorrir-se e comprazer-se, e muitas

Suspenderão em seu caminho os passos.

É lei sem excepção; domina em todas

A sede, a glória, de chamar-se belas.

Não entendi à letra o primeiro aviso, que diz: *formaremos cantigas*. Pareceu-me que eu seria estranhamente recebido, se me andasse por Benfica em serenatas, que este século de ferro moteja, com bazófia de ilustrado, ilustração oca e estéril, que funda toda em regalos corporais, despe o coração da sua poesia nativa, e tira ao amante o suave desafogo de formar cantigas à mulher amada. Portanto, para me conformar ao século, em vez de cantigas, poetei em verso hendecassílabo, predominando no sáfico, alternando com o alexandrino, e intercalando tudo de estribilhos de redondilha menor. Era cataplasma para fazer supurar o coração mais cru!

- Oh meu tio! – continuou ela exaltada –, não nos podemos separar. A inteligência é um fio eléctrico. Há vibrações na minha alma que, se meu tio não as ouvisse, seriam perdidas, como as notas de uma harpa, tocada pelo vento em cima de um sepulcro deserto. Meu pai, e minha mãe, e meus irmãos, quero-os para o amor, quero-os para o coração, morro pela sua felicidade, se mo exigirem; mas o meu espírito precisa de alimento, a minha inteligência quer um pasto ideal, que não acho aqui, se meu tio me desampara. Não vê que foi um impulso providencial que o trouxe aqui, salvando-o de tantas mortes que lhe embaraçaram o caminho? Eu não tenho sido ingrata a Deus: ergo-lhe as mãos todos os dias, reconhecida, humilde, mas venturosa de ter nascido sua sobrinha!... Não me faça persuadir que Deus olha com indiferença as minhas preces...¹

¹ Nem sempre é inverosímil a linguagem figurada. Mais de um crítico, a estas horas, se indispõe contra as hipérboles de Maria, aos catorze anos tão espevitada! Pois creiam que não é justo o seu reparo. Se lhes eu tivesse dito que Maria convivera nas salas onde o lirismo do coração não tem nada a fazer com a vida positivíssima que lá se vive, em linguagem chã e desenflorada de figuras inúteis, tinham razão sobeja para dizerem que nunca por cá toparam destas donzelas-Cíceros ou donzelas-Góngoras, como quiserem. Atendam, porém, ao facto, se não têm a experiência: mulher instruída, ou presumida de instrução, se lhe falta o trato que precisa o estilo segundo as circunstâncias, fala assim e escreve assim. Aquela filha de Manuel de Sousa e D. Madalena de Vilhena, que o imortal Garrett faz morrer de vergonha, em *Frei Luís de Sousa*, era, com menos sete anos, muito mais espirituosa, e, se querem, mais desnatural. O inverosímil é algumas vezes verdadeiro, assim como

Le vrai peut quelques fois n'être pas vraisemblable.

(Boileau – Art poet, c. III.)

(45)

É febricitante despedido do leito, que, como seta voada do arco, exaspera em barulho os males de toda a enfermaria. Que se há-de fazer a um patife que é seta voada do arco? Faz-se-lhe lavar a cara terceira vez!

Que desperdício de poesia para descrever um preso bulhento!

Seta voada do arco! Que infladas necessidades assopram estes estilistas de má morte!

A Queda dum Anjo, vol. V, p. 921

(46)

Subiu padre Custódio ao púlpito com ademanes de triunfador, e rompeu nestas vozes: «Tenho o espírito infernal debaixo dos pés! Venci as legiões tenebrosas do bátrio profundo! Os ímpios foram esmagados! Católicos, cantemos *Hossanas!* Aqui estou na cadeira da verdade, onde não chega a pestilência dos ímpios, *pestilentia impiorum!* Deste púlpito me expulsaram os ateus, os corruptos, os adúlteros, os escandalosos. Aqui estou! Tremei, sacrílegos, que Satanás, vosso apaniguado, está debaixo de meus pés, calcado como o leão e o dragão. *Conculcabis leonem et draconem.*»

E prosseguiu à proporção de exórdio, quanto à substância, e muito outro na linguagem. O exórdio era presente literário de um dos novatos do apostolado, que se dizia jesuíta. Se tal entrada fosse apresentada como exame oratório aos jesuítas Gonçalo da Silveira, Francisco de Sousa e António Vieira, o examinando seria expulso da Companhia de Jesus como parvo.

A narrativa, toda da lavra de frei Custódio, era uma virulenta apóstrofe às adúlteras e aos fidalgos devassos (...). Como entremeio e descanso da objurgatória, o orador contava episódios infernais (...).

Mistérios de Fafe, vol. VI, pp. 607-608

(47)

Ele cá torna com a sujidade das minhas novelas. Cá o tenho outra vez *Conceição Imaculada*, purpureado como um noviço arrábido. A fina-flor da sua pudicícia retraiu-se de novo como a sensitiva tocada por dedo lúbrico. Voltemos ao *trocadilho*, como ele disse. Mas, o Sr. Conceição não tem orientação científica bastante que o norteie na linha recta do *trocadilho*. Eu, se quisesse fazer um trocadilho do nome do Sr. Alexandre da Conceição, dizia: a *Sr.^a Conceição do Alexandre*. Percebeu? Aqui, sim, havia troca; mas no caso questionado, a causa retoricamente chama-se *antonomásia*. Séneca, o *Filósofo*, Platão, o *Divino*, Escoto, o *Subtil*, Santo António, o *Taumaturgo*, Conceição, o *Imaculada*. Vê?

Modelo de polémica portuguesa, vol. VIII, p. 33

3.2.2.7. Marcas textuais de género

Como é sabido, uma das características da obra ficcional camiliana consiste na integração no discurso narrativo de um número significativo de sequências pertencentes a outros géneros textuais, sendo a carta um dos mais conhecidos. Há, no entanto, para além da carta, outros géneros incorporados, como o diário, a poesia, as memórias, os avisos, as notícias (designadas as locais), homilias, entre outros.

Há, por isso, segmentos metalinguísticos que têm por objeto de referência textos (escritos e/ou orais) cujas características, no entender do narrador-autor, se aproximam ou se afastam de determinados géneros. Exemplos dessas ocorrências são apresentados em (48), (49) e (50).

(48)

A carta, que escrevera, era subscritada à baronesa; da qual carta se dá o texto viciado com as perdoáveis infidelidades da correcção ortográfica:

«Ludovina, quando receberes esta, teu infeliz esposo já não está no Porto!!!! Vou por esses mundos de Cristo penar o meu crime, até que o remorso dê cabo de mim!!!! que não tardará!! Fica nesta casa, que é tua, minha amada Ludovina; para mim me basta um bocado de terra onde enterrar os meus ossos!!! Quando souberes o meu triste fim então perdoarás a teu infeliz e desgraçado marido!! Fui já pedir perdão ao António de Almeida, e oxalá que eu morresse ao pé dele. Pela tua honra e vida te peço que trates tua mãe com todo o amor e carinho. Faz que ela me perdoe o mal que lhe fiz. Não tive ânimo de ir onde a ela, pedir-lhe que fosse tão boa como foi para mim aquele honrado homem que Deus permita não morra. Adeus, Ludovina, desgraçada Ludovina!!! para sempre, adeus! Não me tenhas ódio; tem antes compaixão de teu marido, que te escreveu esta com a cara coberta de lágrimas, e o coração acabrunhado de remorsos. Adeus para nunca mais!!!!

Afora a sobejidão de pontos admirativos, que são talvez sinais simbólicos da dor indizível do barão de Celorico de Basto, o que se nos depara nessa carta é a simplicidade, a mudez, a frase chã duma verdadeira angústia. Em lance idêntico, um marido letrado, e concedo até que romancista, não escreveria coisa mais patética e pungitiva.

O que fazem mulheres, vol. II, pp. 1318-1319

(49)

Achava-se presente o deão da Sé, sujeito de grandes letras, e abalizada prenda de bom falador. Foi ele o encarregado do discurso, quinze dias antes. Não foi discurso o que saiu da ubérrima e caudal veia do prebendado: foi uma homilia, como os santos padres a queriam ter feito. Se lhe mondarmos a exuberância dos textos latinos, à mistura com versos gentílicos, era uma peça literária com que eu faria os meus créditos, se a pudesse reproduzir, e o leitor ma atribuisse ao meu corcovado engenho. (...)

la em meio o discurso, quando as senhoras idosas, lavadas em lágrimas como punhos, começavam a perder o apetite das rabanadas e dos ovos de fio. Os velhos fidalgos, para em tudo atingirem o sublime dos conceitos, até com acessos de cabeça confirmavam o bem cabido e a propósito dos textos latinos, cousa de todo o ponto indigesta às capacidades deles. Rematou o discurso por este memorando período:

«Finalmente, é chegada a hora, a propícia hora de dous corações se aproximarem, quais carinhosos e gemebundos rolos, que nos esgalhos de longínquas árvores, se estão suspirosos enamorando! Abra o mais forte os doces braços, e cinja em meio amplexo a frágil e quebradiça criatura, que se não fora toda amor, seria toda divindade. *Tota Dea, tota pulchra, tota vel amor.* (Entre parêntesis: suponho que o latim era arranjo do imaginoso deão: não me ocorre ter lido cousa tão delambida na Antiguidade.) Finalmente – tornou ele –, se dous são os culpados, o recíproco perdão abra-se já em perfumes de recíproco amor. Para enxugar lágrimas, beijos; para delir injúrias, sorrisos; para cicatrizar chagas do peito, abraços. Vamos felizes esposos, renasça a paixão, o ardor da chama antiga, *veteris flammae*, nesta hora em que renasce para o amor e para a fé da Humanidade o Redentor da culpa, o Redentor das paixões más, Aquele que disse: a carne da minha carne, o osso do meu osso: *caro ex carne mea, os ex ossibus meis.*» Disse.

Estrelas funestas, vol. III, pp. 900-901

(50)

Uma hora de convivência entre pessoas que sinceramente se comunicam em francas manifestações do que são, é bastante para a familiaridade, para a estima, e para isto que o coração ambiciona, este bem-estar, nascido da confiança, inteira e desprevenida, que depositamos em uma roda de amigos. Raro, porém, estas rodas se deparam. *Amigo* é uma palavra profanada pelo uso, e barateada a cada homem que se nos apresenta, como a *palavra de honra*, que por aí anda desvirtuando a honra e a amizade.

As delícias da conversação, expansiva como a confiança, e despreocupada como a ingenuidade, essa não se conhece nos salões, onde o epigrama recebe os louros da eloquência, e o espírito acerado e cortante conquista as ovações do talento. A murmuração, bem salgada de ironias galhofeiras, é a rainha das conversações, coroada pelo diadema da hilaridade, que, muitas vezes, não poupa o primeiro da roda que se retira, nem o dono da casa, que fica, pela sua parte, cortejando os vícios dos seus hóspedes *espirituosos*.

Desta feição eram as práticas em que Álvaro da Silveira, adestrado pelo conde de ***, primara como bom artista de *equivocos*, e trocadilhos em que o sarcasmo acre e engenhoso pegava delicadamente pelos cabelos da vítima, e a empalava nos tratos da zombaria, iguaria saborosa, e a única, talvez, para os paladares estragados.

Era, pois, uma novidade para o seu espírito aquela franca exposição de sentimentos, de mais a mais interessantes pelo lado da inteligência, e simpáticos para o coração de todos, e especialmente do mancebo, que se extasiava, na presença de um talento de mulher, flor aberta em exalações de um novo perfume, para ele, que nunca vira tão bela, e tão fascinadora no dom da palavra.

Lágrimas abençoadas, vol. II, pp. 701-702

4. CONCLUSÃO

Tendo em conta a natureza exploratória do estudo e os resultados ainda preliminares, o próximo passo consiste em aplicar o método utilizado às obras ainda não analisadas, de modo a poder ser completado o *corpus* com segmentos metalinguísticos da obra camiliana. Feito isso, o passo seguinte será afinar com outros investigadores a grelha de categorias e subcategorias que permitirão tornar mais robustas as conclusões

quanto aos planos de língua que são objeto de menção e à representação de língua subjacente.

Para já, os dados apontam para o facto de, em Camilo Castelo Branco, a força da consciência metalinguística emergir em qualquer das dimensões da sua escrita, seja ficcional ou não, em enunciados em que são objeto de menção formas linguísticas.

A menção de formas linguísticas é manifestada de diferentes modos: uso de aspas e de itálico na representação escrita de palavras e/ou de expressões, comentário produzido em nota de rodapé ou em frases parentéticas no discurso do narrador e enunciados valorativos na voz do narrador-autor ou no de personagens em diálogos ficcionais.

A atenção metalinguística do autor pode ser desencadeada por um fonema, uma palavra ou expressão idiomática, uma frase ou um texto/discurso e incide sobre diversos planos da língua, desde o fonético/fonológico, ao sintático, ao lexical, ao textual/discursivo e ao comunicativo.

Na maior parte dos casos, os segmentos metalinguísticos veiculam apreciações assentes em critérios literários relacionados com o desenvolvimento da narrativa ou com opções por determinados modelos literários, ou em critérios normativos de uso da língua, sobretudo quando está em causa a escrita de outros (jornalistas, poetas ou escritores em geral). Apesar da visão predominantemente normativa da língua, não é possível deixar de sublinhar a incorporação de uma visão mais ampla e atenta aos fenómenos da diversidade linguística e da adequação comunicativa, que, através da menção e da incorporação no tecido discursivo camiliano, surgem valorizados. A obra camiliana torna-se, por isso, um universo discursivo relevante para uma análise do que, no século XIX, sob a perspetiva de um clássico da literatura, pode ser variação e norma, dando acesso ao que poderiam ser os hábitos linguísticos de uma determinada sociedade, na dupla condição de escritores/leitores e de falantes.

Estas notas incompletas servem apenas como contributo para um estudo mais amplo e alicerçado, que está em curso. Para já, permitem concluir três tendências dominantes: (i) a atenção vigilante ao emprego da gramática, da ortografia e da pontuação em textos de escritores e jornalistas numa perspetiva normativa que tem por referência autores clássicos; (ii) a atenção descritiva de usos da língua sociolinguisticamente associadas a variação diatópica, diastrática e diafásica; (iii) a atenção explicativa do emprego de determinadas palavras e expressões no

discurso descritivo e narrativo das novelas e romances.

Seja como for, esta integração constante da reflexão (ainda que por vezes só sinalizada através de itálicos, adjetivada ou sugerida através de alusão ou referência breve) sobre a língua (as formas, os significados, os usos e seus efeitos pragmáticos e comunicativos) no discurso de um autor clássico da literatura corrobora a ideia de que o seu estudo numa perspetiva articulada da linguística e da literatura não é despiciendo. Torna-se, por isso, um lugar de encontro de duas perspetivas indissociáveis, a linguística e a literária.

REFERÊNCIAS

- Anderson, Michael L.; Okamoto, Yoshi; Darsana, Josyula, & Perlis, Don (2002). The use-mention distinction and its importance to HCI. In *Proceedings of the Sixth Workshop on the Semantics and Pragmatics of Dialog*.
- Anderson, Michael L.; Fister, Andrew; Lee, Bryant; Tardia, Luwito, & Wang, Danny (2004). On the Types and Frequency of Meta-Language in Conversation: A Preliminary Report. Proceedings of the 14 th Annual Meeting of the Society for Text and Discourse.
- Basto, Cláudio (1927). *A linguagem de Camilo*. Maranus.
- Branco, Camilo Castelo (1982-1994). *Obras completas*. Sob a direção de Justino Mendes de Almeida. Lello & Irmão Editores.
- Cabral, Alexandre (1982). *Polémicas de Camilo*. Volume VIII. Livros Horizonte.
- Coelho, Jacinto P. (2001). *Introdução ao estudo da novela camiliana*. Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Duarte, Isabel Margarida (2003). *O relato do discurso na ficção narrativa. Contributos para a análise da construção polifónica de Os Maias de Eça de Queirós*. Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- Fonseca, Fernanda I. (2000). Da inseparabilidade entre o ensino da língua e o ensino da literatura. In Carlos Reis et al (orgs.), *Didáctica da língua e da literatura*, vol. I. (pp. 37-45). Almedina / ILLP Faculdade de Letras.
- Fonseca, Joaquim (1992). *Linguística e texto/discurso. Teoria, descrição, aplicação*. Instituto de Cultura e Língua Portuguesa/Ministério da Educação.
- Machado, José B. (2018). *O léxico de Anátoma e Vulcões de Lama de Camilo Castelo Branco*. Edições Vercial.

Saka, Paul. 2003. Quotational constructions. *Belgian Journal of Linguistics* 17(1).

Silva, Vítor A. (2010). *As Humanidades, os Estudos Culturais, o Ensino da Literatura e a Política da Língua Portuguesa*. Almedina.

Steiner, George (2014). *Linguagem e silêncio. Ensaio sobre a literatura, a linguagem e o inumano*. Gradiva.